

# Balanço é o desafio de 1983, prevê Simonsen

02 DEZ 1982

Leon Brasil

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, disse ontem no Rio que ajustar o balanço de pagamentos com o mínimo de "arranhões" no nível da atividade econômica é o grande desafio para o Brasil em 1983. Com a insolvência do México e da Argentina, o mercado financeiro internacional retraiu-se, tendência que deve permanecer a médio prazo, e, como o Brasil não emite dólares, a importação de bens e serviços deve limitar-se ao que for compatível com a disponibilidade de divisas.

Destacou Simonsen que, pelas estimativas do Conselho Monetário Nacional, o Brasil será obrigado a reduzir as importações para US\$ 17 bilhões, em 1983, caso as exportações voltem ao nível de 1981. Segundo o ex-ministro, há quatro caminhos para a redução das importações: a substituição, o encarecimento, o controle quantitativo e a recessão. Obviamente, a melhor solução seria substituição de importações, mas essa solução demanda tempo e investimentos, acrescenta.

Simonsen enfatizou que o aumento nacional da produção de petróleo previsto para 1983, e que talvez nos permita economizar perto de US\$ 1,5 bilhão de dólares, resolve parte do problema do ajuste do balanço pela substituição de importações. Mas resta outra parte que requer algum tipo menos ameno de solução.

## RECESSÃO

Para Mário Henrique Simonsen, a recessão é o pior caminho para o ajuste das contas externas, e a redução das importações pela diminuição da renda pressupõe uma recessão permanente e não apenas um sacrifício temporário do produto e do emprego. Assim, o acerto do balanço de pagamentos deve basear-se fundamentalmente em investimentos e mudanças de preços relativos.

Em sua opinião, quando as reservas cambiais são escassas, como é o caso do Brasil, pode não haver tempo para aguardar os efeitos dessas medidas e a queda do nível de atividade econômica pode ser inevitável, a curto prazo. O importante, porém,

é que essa queda seja a mais efêmera possível e que o País não mergulhe numa longa recessão.

## CONTROLE

O ex-ministro declarou que os controles quantitativos, embora gerem muita burocracia e distorções, podem ser usados temporariamente para frear a importação de bens de consumo. No caso dos bens de capital e dos produtos intermediários, os controles quantitativos podem provocar um "desastre de pontos de estrangulamento", que é a pior das formas de recessão. Um produto pode ter 99% de índice de nacionalização, mas nada vale sem o 1% de complemento importado. E os controles quantitativos frequentemente impedem essa importação de 1%, destruindo o valor dos 99%, produzidos no País.

## O CAMINHO

Em editorial que está preparando para a carta da Corretora Convenção, o ex-ministro afirmou que resta apenas um caminho que é o encarecimento. Este pode ser conseguido por tarifas (ou elementos semelhantes, como depósitos prévios ou incidências do IOF) ou pela desvalorização cambial. Como o que se deseja não é apenas reduzir importações, mas estimular exportações, é evidente que o ajuste da taxa de câmbio é o melhor dos caminhos.

## AUMENTO

Entretanto, advertiu que o problema central da atual política cambial brasileira não é discutir se esse ajuste deve ser feito por uma maxidesvalorização, por uma aceleração das minis, ou pela "variante salomônica" de abril de 1976, dos minirealinhamentos cambiais. A questão essencial para Simonsen é que o preço da moeda estrangeira deve subir em relação aos custos internos de fatores, tais como: salários, lucros e alugueis, entre outros. Para ele seria inútil aumentar o preço do dólar se todos os demais preços internos caminharem "a reboque" na mesma proporção. Esse tipo de atrelamento não acerta as contas externas, só acelerando a inflação interna. Por isso, Simonsen pediu uma reforma mais profunda na correção monetária.